

## **São Paulo: visibilidades das práticas de vida vividas e midiáticas na avenida Paulista**

Luciana Chen, Marc Barreto Bogo, Maria Claudia Vidal Barcelos

### **Abstract**

Avenida Paulista is one of the main financial and tourist landmarks in the city of São Paulo and occupying it is a strategy to generate visibility for the social and cultural activities that take place there. We have observed that, even during the Covid-19 pandemic, Paulista continued to be a highly mediated place, either as a reference point to show the empty space of the city resulting from social distancing measures or as a stage for the agitated popular demonstrations that once again occupy the avenue. In this article, we will study the life practices observed in Paulista during the pandemic period, with a central issue being the visibility processes of the experienced and mediated Paulista. Questioning how interaction and meaning regimes occur in the media and social networks and based on Eric Landowski's sociosemiotics, we aim to understand the ways in which this public space is configured and lived, both in loco and digitalized and mediated.

### **1. Introdução**

A Paulista é sem dúvida a mais emblemática avenida de São Paulo. No coração da cidade, nela tudo acontece. Inaugurada no final do século XIX, foi projetada para ser símbolo de poder e de referência não só para a cidade de São Paulo como também para o Brasil, permanecendo assim ao longo de 129 anos até os dias de hoje. No ano de 2020, ano esse marcado pela pandemia do Covid-19 que trouxe tantas mudanças de âmbito mundial, observamos certas alterações na ocupação e nos usos do espaço da avenida que são significativas do ponto de vista de sua produção de sentido. Neste artigo, estudaremos as práticas de vida observadas na avenida Paulista durante o período pandêmico, a partir de uma visada sociosemiótica.

Vejam, inicialmente, como alguns dos principais marcos dessa avenida foram estabelecidos. Na extensão de 2,8 km da larga avenida, o cenário atual em nada se parece com a via dos casarões de arquitetura eclética que marcou os tempos de outrora dos barões do café e da elite paulistana. Longe disso, vemos inúmeros arranha-céus de instituições bancárias e culturais ao lado de um diversificado comércio entremeado por prédios residenciais que fazem com que ao longo de um único dia cerca de 1,5 milhão de pessoas circulem por ali por interesses diversos (Bernardo 2017).

A Paulista sempre teve vocação para aglomerar pessoas, quer sejam essas moradores ou visitantes da cidade, por qualquer motivo. Nos idos tempos, era ali que as primeiras corridas de automóveis aconteciam, além de encontros sociais festivos, como cortejos de carnaval ou mesmo passeios dominicais para admirar as mansões construídas ao longo da sua extensão. Também foi a via escolhida para a primeira corrida internacional de São Silvestre, evento que se repete no mesmo local há 95 anos, tendo a sua largada em frente ao icônico Museu de Arte de São Paulo, o MASP. Cartão postal da cidade, o prédio que abriga esse importante museu da cidade foi projetado por Lina Bo Bardi no final da década de 60 para receber um acervo de arte europeia que se avolumou e atualmente conta com 11 mil obras, entre elas pinturas, esculturas, objetos, fotografias, vídeos e vestuário de períodos distintos (Masp 2021). A edificação de porte arrojado é considerada uma obra prima arquitetônica devido ao seu vão livre de 74 metros quadrados embaixo do enorme bloco retangular envidraçado sustentado apenas por quatro pilastras nas extremidades (Fig. 1).



Fig. 1 – Prédio do Museu de Arte de São Paulo, © acervo do Masp.

A estrutura extraordinária da edificação permitiu a formação de uma praça pública no vão livre, espaço aberto esse usado não somente para eventos programados pela gestão pública como feiras livres, exposições, festas populares, mas também por ocupações espontâneas como moradia dos “sem tetos”, ambulantes, ponto de encontro de amigos e diversas manifestações políticas, entre outras ações. O vão livre do MASP se faz assim um espaço de todos e para todos. Para além da arquitetura que propicia o ajuntamento de multidões para distintas finalidades, somado à relevância da instituição museal MASP que recebe um grande número de visitantes, o valor da avenida Paulista é assim endossado, abrindo caminhos para tantos outros empreendimentos fixarem seu endereço no entorno. Foi o que assistimos acontecer nos últimos anos com a chegada, por exemplo, de mais três instituições culturais: a Japan House, o Instituto Moreira Salles e o Sesc Paulista, e também centros comerciais como o shopping Cidade São Paulo que reúne lojas, lazer e gastronomia, aumentando muito a movimentação da avenida.

A agitada e efervescente Paulista, de intenso e constante tráfego de carros e pedestres que circulam pelas calçadas, quer seja saindo ou entrando das estações de metrô, seguindo em direção ao trabalho ou passeando para usufruir o que ela oferece, mostra uma avenida que não para nunca e que segue acompanhando as principais transformações que ocorrem em grandes centros urbanos.

O processo crescente de verticalização iniciou a partir da década de 80 colocando abaixo os casarões remanescentes, cedendo lugar para centros financeiros, instituições culturais e de compras que passaram a ocupar cada vez mais a avenida. O que restou para nos lembrar do passado foi tão somente a Casa das Rosas, mansão construída em 1935, que hoje abriga o espaço cultural Haroldo de Campos de Poesias e Literatura, mas compartilha o seu terreno com um arranha-céu moderno todo envidraçado. Nesse processo também foi desaparecendo o verde das árvores e o colorido dos jardins das mansões, mudando significativamente a paisagem do entorno. A pouca vegetação que permanece na avenida restringe-se principalmente ao Parque Trianon, resquício da Mata Atlântica, um oásis em plena selva de pedra, que convida os passantes para uma pausa ao longo do dia. Esse pequeno parque, porém, ganhou reforço com a “Paulista Aberta”, movimento criado em 2016, como resposta à reivindicação popular que ansiava por mais espaços abertos para o lazer na cidade. Aos domingos e feriados, durante manhãs e tardes temos, pois, uma Paulista outra, aquela que fecha a passagem de veículos e se abre para as pessoas circularem livremente nas duas pistas da via, entre uma diversidade de entretenimentos e tantas outras práticas manifestas.



O conceito de prática é entendido como as ações sociais que se reiteram na cotidianidade caracterizando um lugar pelos seus usos<sup>1</sup>. É desse modo, entre tantas práticas de vida diversas, que a Paulista se faz como espaço de ações rotineiras e que se renovam, gerando sentidos. Ocupá-la equivale a querer ganhar espaço de visibilidade nas mídias por parte das atividades ou eventos sociais e culturais que ali acontecem, dada a repercussão quase certa nas redes sociais e nos veículos midiáticos de tudo o que acontece na via. A visibilidade das práticas de vida tanto vividas nesse lugar, quanto mediatizadas convoca um jogo enunciativo complexo que objetivamos explorar. Para tal, recorreremos à Sociossemiótica de Eric Landowski, teoria que nos dá respaldo para observar os “mecanismos de organização social na incessante atividade de produzir sentido para si, para o outro, para o mundo” (Oliveira 2013, p. 238). Recorreremos especialmente às postulações a respeito dos jogos ópticos e dos estilos de vida, com o objetivo de entender as maneiras como esse espaço público se configura e se vive, tanto *in loco* quanto digitalizado e mediatizado.

A mais emblemática avenida da capital paulista é assim mediatizada para o mundo como referência da diversidade de práticas na e da cidade de São Paulo em qualquer circunstância, mesmo em tempos de pandemia como veremos a seguir.

## **2. Avenida Paulista afetada pelo Covid-19: visibilidade e presença**

Como vimos, a avenida Paulista é uma via cujo valor “poder” lá se encontra desde a sua construção como um local de moradia da elite cafeeira de São Paulo no início do século XX. Hoje, os maiores bancos, espaços culturais, diversas atividades laborais, lazer, esporte, etc. se reúnem no seu trajeto. Não é à toa que grupos que residem em todas as regiões da cidade sempre elegem a avenida como palco de suas manifestações com suas respectivas bandeiras ou divulgação de ações artísticas. Esses são modos de presença de coletividades unidas por conta de valores em comum. Celebrações de passagem de ano, de torcedores de jogos de futebol e outros dividem a ocupação da Paulista com protestos políticos e sociais. Todos eles buscam visibilidade midiática, ou seja, o *querer ser visto*. Landowski aponta:

A relação mínima constitutiva de *ver* admite, em níveis mais superficiais, diferentes especificações modais (essencialmente do tipo *querer, dever, saber, poder* “ver”), cujo emprego condiciona a maneira como os actantes, no caso dos agentes – individuais ou coletivos – designados como o que “vê” e o que “é visto”, entram em relação (Landowski 1992, p. 90).

Esse *querer ser visto* da ordem do coletivo tem proporções monumentais em termos de número de participantes. Para exemplificar, podemos lembrar da Parada do Orgulho LGBT que acontece na avenida desde 1997 e que está entre as maiores Paradas LGBT do mundo. Para se ter uma ideia da dimensão do evento, em 2011, mais de 4 milhões de pessoas circularam pelos 2,8 km de extensão da via.

Contudo, as práticas de vida que se dão na avenida Paulista sofreram mudanças com a chegada da pandemia do Covid-19 em março de 2020 em São Paulo. Na ocasião, para conter a pandemia, o Governo do Estado decidiu que apenas os serviços essenciais poderiam manter-se abertos. Com trabalhos online, sem lazer, ofertas de serviços e manifestações, a via esvaziou. Ainda em 10 de julho (Fig. 2), observamos a quase ausência de veículos e pedestres em uma sexta-feira, geralmente o dia com o maior trânsito na cidade.

---

<sup>1</sup> Para maior detalhamento do conceito de “prática”, sugerimos a leitura de Oliveira (2014) e Landowski (2001).



Fig. 2 – Avenida Paulista na pandemia, © Uol 2020.

A Parada do Orgulho LGBT na Paulista, que era antes tomada pela população e turistas de todas as partes do mundo, não teve o evento presencial em 2020. A cada ano, desde 1997, a figura da coletividade se presentificava carregando a enorme bandeira LGBT, com as cores do arco-íris, cobrindo parte do percurso da avenida para ser vista do alto. No contexto pandêmico, as cores da bandeira puderam ser vistas de outra maneira. Luzes com as cores do arco-íris foram projetadas de um prédio da avenida para o céu da cidade. Para assegurar a memória da Parada e manter o distanciamento social, a marca Doritos da PepsiCo, usual patrocinadora de edições anteriores, homenageou o evento com a ação. Diferindo da materialidade da bandeira carregada por uma multidão que ajusta seus corpos na via e cujas áreas de cor se encontram, a presença física e o celebrar em conjunto foram substituídos pela lembrança da celebração de modo a destacar a ausência e o afastamento, figurativizados pelas linhas coloridas imateriais e distantes que, embora partissem de um mesmo ponto, se afastavam umas das outras (Fig. 3). Acerca dessa dinâmica entre presença e ausência, Landowski aponta: “A não ser para se desviar para um plano metafísico, presença e ausência só podem ser concebidas como remetendo aos modos de existência semiótica suscetíveis de afetar seja o estatuto dos próprios sujeitos, seja o das relações que eles mantêm” (Landowski 2002, p. 175).



Fig. 3 – Parada do Orgulho LGBT em 1997 (esquerda) e homenagem à Parada em 2020 (direita). © Gayl 2018; O Globo 2020a.



Embora a pandemia tenha reduzido a circulação de pedestres e carros, houve ainda manifestações populares como a ocorrida em 14 de junho de 2020, quando as cinco maiores torcidas de futebol rivais de São Paulo se reuniram em um ato inédito para protestarem contra o presidente Jair Bolsonaro (Fig. 4) ganhando ainda mais visibilidade. Cabe lembrar que a Paulista também já foi, muitas vezes, local de embate entre os integrantes dessas mesmas torcidas. O encontro delas ao longo da história registra combates violentos, incluindo mortes de torcedores. A descontinuidade da figura da união de rivais para protestarem contra o governo indica o momento de descontentamento político.



Fig. 4 – Palmeirenses na avenida Paulista, © Brasil 247 2020.

Outra manifestação que buscou visibilidade na Paulista foi a performance realizada em 6 de agosto de 2020. Uma carreta composta por cerca de 130 carros ocupou duas pistas da avenida em marcha ré em um novo protesto contra o presidente Bolsonaro e em homenagem a vítimas da Covid-19. Essa manifestação performática foi filmada e integrou a Bienal de Berlim. Trafegar na direção contrária compreende a ruptura com a programação da via, com o movimento estabelecido e esperado. A ação de andar em ré figurativiza o voltar. Como protesto contra o presidente, indica o retrocesso do país. Isso é reforçado por outra figura: um dos *performers*, vestido como os profissionais da frente de combate à Covid-19 nos hospitais, caminhava na mesma direção dos carros em ré (Fig. 5). A proteção utilizada pelo artista não restringia à máscara, mas cobria o corpo todo opondo-se à figura do presidente negacionista que se apresenta sempre sem máscara em espaços públicos. Observamos então que, mesmo com a pandemia, grupos continuam recorrendo à avenida Paulista como local de presentificação, à procura de visibilidade midiática para seus discursos. Além dessas ações aparecerem em mídias jornalísticas, elas figuram também em postagens dos participantes ou passantes da via em suas redes sociais.



Fig. 5 – Performance na Paulista, © O Globo 2020b.

### 3. Práticas de vida midiáticas da avenida Paulista

Os conceitos de presença e de visibilidade, no caso da avenida Paulista, estão ligados à experiência sensível do espaço pelas pessoas que o visitam e à sua mediação tecnológica. Essa relação entre experiência vivida do espaço e mediação tecnológica se traduz em uma relação direta entre estar presente na Paulista e ter visibilidade online e midiática. Podemos observar esses dois conceitos entrando em ação nas redes sociais e, em especial, no Instagram.

A avenida Paulista, antes da pandemia de 2020, era um local altamente mediatizado e aparecia como cenário de diversas postagens na rede social Instagram. Além de vários perfis dedicados à própria avenida (como os perfis @napaulista, @avpaulista e @avenida\_paulista, entre outros), muitos usuários costumavam publicar suas fotografias marcando a localização da avenida Paulista na interface da rede social ou incluindo *hashtags* como “#avenidapaulista” ou “#avpaulista” na descrição das imagens.

Cientes da forte visibilidade da via, diversas instituições culturais escolheram se posicionar na avenida como modo de se fazer vistas. A configuração espacial dos edifícios que abrigam os equipamentos culturais, especialmente os mais recentes como o Instituto Moreira Salles (inaugurado em setembro de 2017) e o Sesc-Paulista (reinaugurado em abril de 2018, após uma reforma completa que levou muitos anos), proporcionam ações e espaços que conectam o interior de suas instalações com a paisagem da avenida. Os dois equipamentos culturais mencionados possuem espaços envidraçados ou abertos, localizados em pisos altos, em que a vista valorizada é a da própria avenida. No caso do Instituto Moreira Salles, trata-se de uma área panorâmica localizada no 4º andar que possibilita a visualização da extensão da avenida Paulista e que apresenta um piso formado por ladrilhos pretos e brancos como as próprias calçadas da cidade de São Paulo, o que aproxima plasticamente o interior do edifício ao seu exterior. No caso do Sesc, há um mirante instalado no último andar do edifício que costumava gerar filas aos finais de semana e que foi usado como cenário de diversas *selfies* postadas no Instagram; uma busca pela *hashtag* “#sescpaulista” no Instagram rapidamente nos revela centenas de retratos ali produzidos. Ao tirar proveito da paisagem urbana em que estão instalados, esses espaços dos centros culturais se tornam “instagramáveis” e as próprias instituições incentivam as publicações e compartilhamentos dos usuários nas redes sociais por meio do uso de *hashtags* e replicações das fotos. Vê-se que ocupar a Paulista equivale a querer ganhar espaço de visibilidade nas mídias por parte das atividades ou dos eventos sociais e culturais que acontecem ali.

No entanto, ao contrário do que alguns poderiam imaginar, as *selfies* e fotografias em geral não deixaram de ser produzidas durante a pandemia do Covid-19. A partir de março de 2020, mesmo que as instituições culturais e grande parte do comércio estivessem fechados devido às medidas de contenção da propagação do vírus, vimos que a avenida Paulista continuou sendo um local de alta

visibilidade e muito utilizada como cenário dos retratos compartilhados em redes sociais. Uma busca feita no período mais intenso da pandemia em 2020, usando como critério de filtro as publicações que marcam “avenida Paulista” como localização, também revela centenas de resultados: os sujeitos aparecem com ou sem máscara, às vezes até mesmo de dentro dos carros, parecendo sempre querer aproveitar a imagem da avenida esvaziada por causa das medidas de distanciamento social (Fig. 6). As pessoas se destacam contra esse fundo tão incomum, já que normalmente a avenida é lotada de pessoas que ali circulam. Então vemos que estar na avenida Paulista é, ao mesmo tempo, estar em uma relação do tipo eu-tu/aqui/agora de corpo presente – que experimenta a imediatividade dos outros corpos ao circular na avenida – e um ele/alhures/então digitalizado, dada a alta probabilidade de repercussão e compartilhamento *online* de tudo que se passa na via.

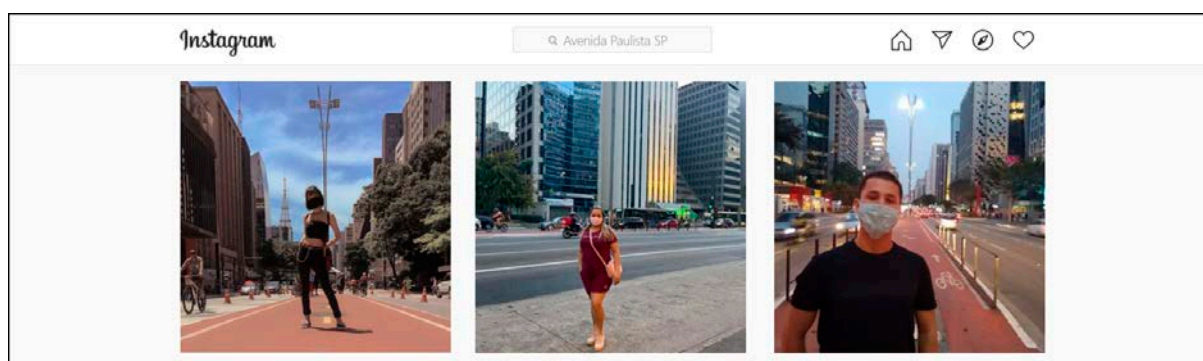


Fig. 6 – Alguns dos retratos produzidos na avenida Paulista durante a pandemia do Covid-19, © Instagram.

A partir do modelo dos regimes de interação e de sentido proposto por Landowski (2014), tratamos de sintetizar os efeitos de sentido percebidos ao acompanharmos as práticas de vida que são dadas a ver nas mídias e nas redes sociais durante o período da pandemia do Covid-19 em 2020 (Fig. 7). Ou seja, não nos referimos mais às práticas de vida que nós mesmos podíamos observar no local como antigamente, mas sim ao que pode ser visto pelas notícias e pelas redes sociais. Essas práticas observadas na mídia foram organizadas a partir do seu pertencimento às lógicas da regularidade, aleatoriedade, intencionalidade ou sensibilidade, que marcam, respectivamente, as interações de tipo programação, acidente, manipulação e ajustamento.

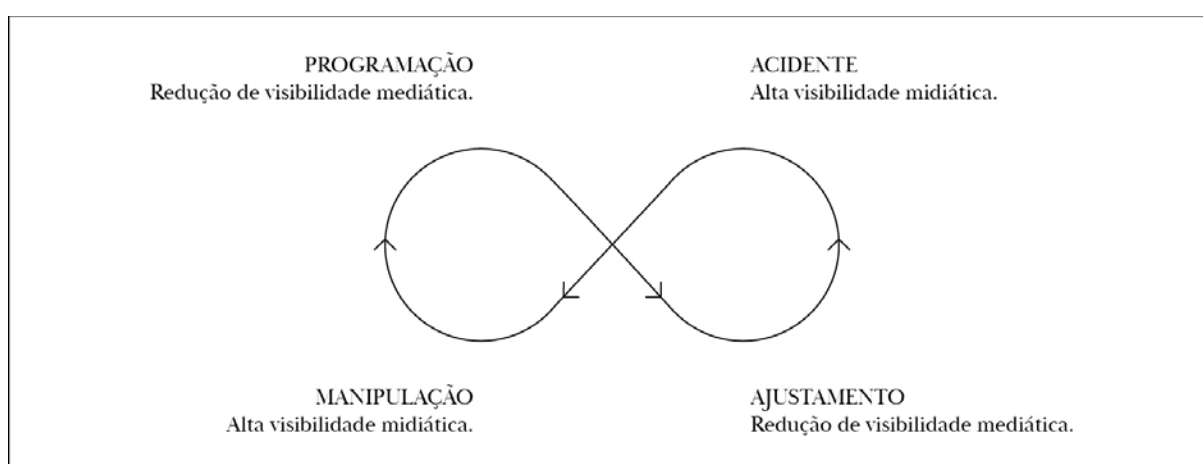


Fig. 7 – Práticas de vida na avenida Paulista midiaticizadas durante a pandemia, segundo o regime de interação e sentido correspondente. © os autores.

Começando pelo regime da programação, em observações anteriores vimos que há muitas práticas programadas e regulares na avenida Paulista, realizadas pelas pessoas que ali circulam cotidianamente para trabalhar, estudar, ou mesmo pelas pessoas que moram na região ou que utilizam a avenida



como local de passagem. A mídia costumava mostrar esse tipo de prática cotidiana regular para indicar a intensidade do trânsito, do movimento dos locais de trabalho e do comércio etc. Durante a pandemia, esse movimento diminuiu bastante e até mesmo nos fundos das fotos publicadas em redes sociais vemos que a avenida ficou esvaziada desse público regular. Portanto, consideramos que houve uma redução na visibilidade midiática das práticas de vida programadas durante a pandemia.

Por outro lado, as práticas de vida marcadas pelo acidente e pela ruptura do programado apresentaram uma alta visibilidade durante o período de maior intensidade do Covid-19. Muitas imagens veiculadas nas mídias mostram esse evento incomum que é a avenida vazia e outros eventos inusitados também tomaram a via como cenário, tal qual a manifestação de carros em marcha ré ou a união de torcidas rivais que comentamos mais acima. Todas essas são práticas que se opõem totalmente à programação regular da avenida Paulista. A seguir, em relação ao regime da manipulação, também em observações anteriores percebemos na avenida uma multiplicidade de práticas marcadas pela intencionalidade que caracteriza esse regime (Landowski 2014). A manipulação, como se sabe, “ao contrário da operação (enquanto ação do homem sobre as coisas), [...] caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens, visando a fazê-los executar um programa dado” (Greimas e Courtés 1983, p. 269). A escolha da Paulista como fundo das imagens postadas nas redes sociais, por exemplo, é uma decisão estratégica que objetiva fazer os usuários das redes executarem determinadas ações (curtir, comentar, compartilhar), dado o apelo visual e interdiscursivo da avenida. Da mesma maneira, as manifestações populares que ocupam a Paulista também são marcadas pela intencionalidade, já que visam fazer os observadores aderirem a determinados conjuntos de valores (ou seja, aderir a certas causas sociais). Mais recentemente, vimos que a pandemia não foi motivo o suficiente para o impedimento de manifestações diversas de pessoas que querem ou devam estar na avenida para serem vistas. As postagens de *selfies* continuaram acontecendo com intensidade, o que mostra uma intencionalidade dos sujeitos de querer ser vistos na avenida, característica do regime da manipulação. Ou seja, apesar das medidas públicas que visavam promover o isolamento social, as práticas marcadas pela manipulação continuaram com alta visibilidade midiática.

Por fim, quanto aos ajustamentos, ressaltamos que eles costumavam ser muito representados na cobertura midiática da ação Paulista Aberta aos domingos e feriados, ocasião em que havia muita gente fazendo *shows*, bebendo, dançando, enfim, socializando na rua – situações que propiciavam mais facilmente interações do tipo por ajustamento, fundadas na sensibilidade recíproca dos sujeitos. Com a suspensão da Paulista Aberta durante a pandemia, houve conseqüentemente uma diminuição na visibilidade das práticas de ajustamento.

#### **4. Conclusão**

A título de conclusão, podemos apontar duas considerações bastante gerais relativas à observação das práticas de vida vividas e midiáticas na avenida Paulista, antes e durante o período pandêmico. Em primeiro lugar, levando em consideração principalmente as postagens de fotografias nas redes sociais, vimos que na actorialização com ou sem pessoas nas ruas, dentro ou fora dos veículos, usando ou não máscaras, exibir a espacialidade da avenida Paulista é sempre um valor em si, independentemente do tempo ser o da pandemia ou não. As medidas de distanciamento social não impediram os sujeitos motivados de querer ou até de dever estar na Paulista para se fazerem vistos no espaço digital. De certo modo até reforçaram as postagens, uma vez que muitas práticas de vida na avenida são motivadas pelo valor dado ao simples fato de estar presente na Paulista. Em segundo lugar, mesmo com circulação reduzida, comércio limitado e instituições culturais fechadas ao público, continuaram a acontecer manifestações sociais na avenida, muitas delas ligadas ao descontentamento dos manifestantes frente às ações políticas ao combate do Covid-19, levando a uma grande produção de imagens da via, tanto por parte da mídia como das pessoas que compartilham esse conteúdo nas redes sociais.





## Bibliografia

- Bernardo, L., 2017, “Avenida Paulista: doze curiosidades”, in *Veja São Paulo*, [www.vejasp.abril.com.br/cidades/avenida-paulista-doze-curiosidades/](http://www.vejasp.abril.com.br/cidades/avenida-paulista-doze-curiosidades/), acesso em 20 janeiro 2021.
- Brasil 247, 2020, “Palmeirenses se unem a corintianos sob aplausos para protesto contra Bolsonaro (vídeo)”, [www.brasil247.com/regionais/sudeste/palmeirenses-chegam-ao-masp-sob-aplausos-de-corintianos-para-protesto-contrabolsonaro-video](http://www.brasil247.com/regionais/sudeste/palmeirenses-chegam-ao-masp-sob-aplausos-de-corintianos-para-protesto-contrabolsonaro-video), acesso em 20 janeiro 2021.
- Gayl, 2018, “Qual a importância de ser voluntário na maior Parada LGBT do mundo?”, [www.gayl.lgbt/2018/04/qual-a-importancia-de-ser-voluntario-na-maior-parada-lgbt-do-mundo.html](http://www.gayl.lgbt/2018/04/qual-a-importancia-de-ser-voluntario-na-maior-parada-lgbt-do-mundo.html), acesso em 20 janeiro 2021.
- Greimas, A. J., Courtés, J., 1983, *Dicionário de Semiótica*, São Paulo, Cultrix, trad. Dias Lima, A., et al..
- Landowski, E., 1992, *A sociedade refletida*, São Paulo, EDUC/Pontes, trad. Brandão, E..
- Landowski, E., 2001, “O olhar comprometido”, in *Galáxia*, n. 2, pp. 19-56.
- Landowski, E., 2002, *Presenças do outro*, São Paulo, Perspectiva, trad. Mary Amazonas L. de Barros.
- Landowski, E., 2014, *Interações arriscadas*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, trad. Luiza Helena Oliveira Da Silva.
- Masp, 2021, “Sobre o Masp”, [www.masp.org.br/sobre](http://www.masp.org.br/sobre), acesso em 20 janeiro 2021.
- O Globo, 2020a, “Sem desfile, mas com festa: Parada LGBT tem evento virtual e projeção de luzes em SP”, [www.oglobo.globo.com/sociedade/sem-desfile-mas-com-festa-parada-lgbt-tem-evento-virtual-projecao-de-luzes-em-sp-24479523](http://www.oglobo.globo.com/sociedade/sem-desfile-mas-com-festa-parada-lgbt-tem-evento-virtual-projecao-de-luzes-em-sp-24479523), acesso em 20 janeiro 2021.
- O Globo, 2020b, “Performance de carreata em marcha a ré na Avenida Paulista será vista na Bienal de Berlim”, [www.oglobo.globo.com/cultura/performance-de-carreata-em-marcha-re-na-avenida-paulista-sera-vista-na-bienal-de-berlim-24572018](http://www.oglobo.globo.com/cultura/performance-de-carreata-em-marcha-re-na-avenida-paulista-sera-vista-na-bienal-de-berlim-24572018), acesso em 20 janeiro 2021.
- Oliveira, A. C., 2013, “As interações discursivas”, in A. C. Oliveira, org., *As interações sensíveis: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski*, São Paulo, Estação das Letras e Cores e CPS Editora, pp. 235-249.
- Oliveira, A. C., 2014, “Interação e sentido nas práticas de vida”, in *Comunicação Mídia e Consumo*, vol. 11, n. 31, pp. 179-198.
- Uol, 2020, “SP: estado tem 9.395 novos casos de coronavírus nas últimas 24 horas”, [www.noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2020/07/10/sao-paulo-tem-9395-novos-casos-de-coronavirus-nas-ultimas-24-horas.htm](http://www.noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2020/07/10/sao-paulo-tem-9395-novos-casos-de-coronavirus-nas-ultimas-24-horas.htm), acesso em 20 janeiro 2021.